BIRDWATCHING MÉRTOLA

Mértola
Night Birdwatching

Na natureza, quando a noite cai, outra vida começa!

Fotografia da capa de Miguel Claro ©

Ficha Técnica

Coordenação: Rosinda Pimenta

Textos: João Jara, Rosinda Pimenta.

Colaboração: Cristina Caro (PNVG - ICNF), Pedro Bravo.

Fotografias: Albano Soares, Daniel Pinheiro, Miguel Claro, Pedro Marques.

Apoios: ICNF Parque Natural Vale do Guadiana

Cofinanciado por:

Este guia foi produzido no âmbito do projeto GO2MÉRTOLA
promovido pela Câmara Municipal de Mértola e co-financiado pelo Programa ALENTEJO 2020.

Bufo-real (*Bubo bubo*) | Fotografia Pedro Marques ©

O sul de Portugal, sobretudo pela variedade de habitats naturais e concentração de áreas naturais é de excelência para a observação de aves. Mértola e a área do Parque Natural do Vale do Guadiana são particularmente importantes para a avifauna, e aqui ocorrem algumas das mais importantes e ameaçadas espécies da avifauna nacional, como a águia-imperial-ibérica, a águia-real, o peneireiro-das-torres, a cegonha-preta, o abutre-preto, a abetarda, o cortiçol-de-barriga-preta ou o sisão.

Quando a noite cai, há uma outra forma de descobrir a avifauna local: enquanto umas espécies se recolhem, outras de hábitos crepusculares e/ou noturnos tornam-se mais ativas. As aves noturnas são mais difíceis de observar do que as diurnas, mas têm cantos mais simples e fáceis de distinguir e ouvir as suas vocalizações é, em si, uma experiência.

Neste guia, propomos a descoberta do universo das aves noturnas e crepusculares do Parque Natural do Vale do Guadiana. Propomos uma viagem fascinante pela natureza à noite, num desafio claro ao apuro dos sentidos. Pelo caminho, teremos o céu profundo como cenário, ou não estivéssemos nós em território certificado da Reserva Darksky Alqueva!

Por cá, na natureza, quando a noite cai, outra vida começa, quer descobri-la connosco?

Mocho-galego (*Athene noctua*) | Fotografia Pedro Marques ©

Bufos, Corujas, Mochos & Companhia.

As aves noturnas do concelho de Mértola incluem essencialmente dois grandes grupos: as aves de rapina noturnas (Strigiformes) e os noitibós (Caprimulgiformes). Estes dois grupos apresentam características morfológicas e ecológicas distintas partilhando, no entanto, um comportamento essencialmente crepuscular e noturno.

No território ocorrem seis espécies de rapinas noturnas, que se apresentam de seguida. A informação para cada espécie inclui uma breve descrição, estatuto fenológico[1] , habitats preferenciais, principais comportamentos da espécie, alimentação e vocalizações. De salientar que as vocalizações e chamamentos emitidos por cada uma das espécies abaixo mencionadas constituem uma das formas mais eficazes de detetar e identificar as mesmas.

[1]*Reporta às alturas do ano em que a espécie ocorre no território.*

Principais características das aves noturnas:

• Sentido de audição particularmente apurado, sendo os orifícios auriculares grandes e assimétricos, o que permite uma localização dos sons emitidos pelas presas com enorme precisão.

• Especial estrutura das penas das asas que permite a passagem de ar durante o voo, o que faz com que o mesmo seja completamente silencioso, de forma a surpreender as suas presas.

• Outros aspetos morfológicos deste grupo de aves inclui o facto de possuírem cabeças grandes proporcionalmente ao corpo; asas arredondadas e caudas curtas; densa plumagem, no geral críptica, em tons acastanhados ou acinzentados; algumas espécies apresentam tufos de penas eretas em forma de "orelhas". A maioria das espécies apresenta um disco facial com olhos grandes posicionados frontalmente que lhes confere uma visão binocular com grande acuidade visual (o facto de poderem rodar a cabeça quase 360° permite um grande campo de visão, compensando o posicionamento frontal dos olhos); os bicos são relativamente pequenos e encurvados; as patas são robustas, emplumadas (o que permite minimizar a perda de calor durante as longas esperas para caçar à noite) e geralmente curtas, embora por exemplo a Coruja-das-torres e o Mocho-galego possuam patas mais compridas; as garras são longas, curvas e muito afiadas, constituindo as principais "armas" que estas aves possuem para caçar e obter alimento; são espécies territoriais e essencialmente monogâmicas, podendo as ligações entre os membros do casal durar vários anos.

Fotografia Pedro Marques ©

Coruja-das-torres

Nome científico: *Tyto alba*
Ordem: *Strigiformes*
Família: *Tytonidae*

Ave de rapina noturna de média dimensão (cerca de 33 – 39 cm), de corpo delgado, facilmente identificada pela sua plumagem, com partes superiores acastanhadas/acinzentadas e as inferiores esbranquiçadas. A face é pálida e tem a característica forma de coração (ou maçã aberta). Os olhos são negros.
A coruja-das-torres é residente, estando presente em Portugal e no concelho de Mértola durante todo o ano.
Ocorre sobretudo em zonas abertas agrícolas e frequentemente nas imediações de edifícios, habitados ou não, preferindo aqueles que têm aberturas ou cavidades, como por exemplo ruínas, palheiros, estábulos e campanários que possam ser usados como local de repouso e nidificação.
A postura é geralmente constituída por 4 a 7 ovos. É essencialmente noturna e, geralmente, só sai para caçar depois de caída a noite. A sua principal ferramenta de caça é a sua apurada audição que lhe permite ouvir sons e definir a posição da presa na escuridão total.
Alimenta-se essencialmente de roedores (ocasionalmente de pequenas aves, répteis, anfíbios e insetos).
A sua vocalização mais característica é um guincho rouco, áspero e repetitivo; o chamamento territorial é um guincho matraqueado e gargarejado, repetido várias vezes; as crias pedem comida emitindo um som ressonado e prolongado.

Onde observar: junto a ruínas, edifícios agrícolas e povoações do concelho de Mértola (incluindo a própria vila de Mértola).
Quando observar: ao longo de todo o ano, durante a noite (a melhor hora para procurar esta rapina noturna será pelo menos uma hora depois do pôr-do-sol).

Curiosidades: trata-se de uma espécie cosmopolita, com distribuição nos cinco continentes (Europa, África, Ásia, Oceânia e América). Contava-se que as Corujas-das-torres iam à noite beber o azeite das lamparinas das igrejas (o que explica as designações regionais Coruja-católica, Coruja-das-igrejas, Coruja-azeiteira e Bebe-azeite); provavelmente a explicação para esta crença deve-se ao facto das Corujas-das-torres se alimentarem das borboletas noturnas que eram atraídas pelas luzes das lamparinas, quando esta era a forma de iluminação mais comum nas igrejas.

Coruja-do-mato

Nome científico: *Strix aluco*
Ordem: *Strigiformes*
Família: *Strigidae*

Coruja de tamanho médio (cerca de 37 – 43 cm), com plumagem castanha e cinzenta e malhas claras. Olhos negros.
Espécie residente em Portugal.
Tem preferência por zonas florestais, sendo particularmente comum em montado de sobro e de azinho (aprecia árvores de maior porte).
Nidifica em buracos de árvores ou edifícios, pondo 2 a 5 ovos. Defende ferozmente o seu ninho, podendo atacar humanos. É uma espécie noturna, com uma visão apurada e um voo muito silencioso.
Alimenta-se essencialmente de pequenos roedores e insetos.
É muito vocal e é responsável pelos sons de corujas mais familiares; o seu piar mais característico parece um assobio grave, melancólico, normalmente em séries de dois ou três, "huu" ... pausa ... "huu-huu-huhuhuhuuu" (a terceira parte é "trémula"); pode vocalizar por longas horas; este chamamento pode ser imitado soprando nas mãos; as crias pedem comida com um estridente "psee-ep".

Onde observar: áreas de montado de azinho do concelho de Mértola.

Quando observar: ao longo de todo o ano, durante a noite (a melhor hora para procurar esta ave será pelo menos uma hora depois do pôr-do-sol).

Curiosidades: o verbo ulular vem do latim "ululo", que significa "voz triste e melancólica" e que lembra a vocalização desta espécie "huu-huu-huu". Em 1937, ao tentar fotografar um ninho com crias de Coruja-do-mato, o conhecido e pioneiro fotógrafo de aves inglês Eric Hosking foi atacado pela fêmea e perdeu um olho.

Fotografia Pedro Marques ©

Fotografia Pedro Marques ©

Mocho-pequeno-d'orelhas

Nome científico: *Otus scops*
Ordem: *Strigiformes*
Família: *Strigidae*

Caracteriza-se por ser ligeiramente menor que o mocho-galego (cerca de 19 – 21 cm). A plumagem é acastanhada/acinzentada e possui pequenos tufos sobre a cabeça, que se assemelham a "orelhas". Os olhos são amarelos.
É uma espécie estival que se observa sobretudo de finais de Março a Setembro (inverna maioritariamente em África, a sul do Saara, mas ocasionalmente alguns indivíduos poderão invernar em Portugal).
Frequenta preferencialmente habitats semiabertos, com árvores velhas (por exemplo em montado de azinho ou em olivais) com cavidades onde possa nidificar, mas também amendoais, pomares e zonas habitadas (jardins, parques), podendo mesmo ocorrer no interior de povoações.
A postura é geralmente constituída por 4 ou 5 ovos. De forma geral é pouco comum e difícil de observar. Tal como a maioria dos membros da sua família, tem hábitos noturnos e só raramente se vê de dia. Assume uma postura ereta como forma de evitar ser detetado.
Alimenta-se predominantemente de insetos, embora também possa capturar ocasionalmente pequenos roedores e répteis.
O seu canto monótono, que na Primavera pode fazer-se ouvir durante várias horas, é geralmente a melhor forma de localizar esta espécie. Faz um "piu" sequencial intercalado por uma breve pausa, que pode ser confundido com o canto do Sapo-parteiro-ibérico *Alytes cisternasii*, que também ocorre no concelho de Mértola (o canto do sapo é mais mecânico).

Onde observar: áreas de montado de azinho e de olival, no concelho de Mértola.

Quando observar: entre finais de Março e Setembro, durante a noite.

Curiosidades: é uma das mais pequenas rapinas noturnas europeias e é a única que cumpre uma longa migração entre o sul do Saara, em África, e o sul da Europa, podendo percorrer mais de 5000 km em cada viagem (para norte na Primavera, para sul no Outono).

Mocho-galego

Nome científico: *Athene noctua*
Ordem: *Strigiformes*
Família: *Strigidae*

Este pequeno mocho (cerca de 23 – 27 cm) é a ave de rapina deste grupo mais fácil de observar no concelho de Mértola (e de um modo geral no país), devido aos seus hábitos parcialmente diurnos e relativa abundância. Possui uma silhueta arredondada e a plumagem é castanha com malhas brancas. Os olhos são amarelos.
É uma espécie residente e tal como já referido é relativamente comum. O Mocho-galego é particularmente frequente em terrenos agrícolas com zonas abertas (incluindo áreas de pseudoestepe) com algumas árvores dispersas, bem como em montados e olivais.
É comum nidificar em ruínas ou amontoados de pedras e a postura inclui 1 a 5 ovos. Tem por hábito pousar em cercas, postes, muros, montes de pedras, edifícios, etc… e chama a atenção pela sua silhueta característica.
Alimenta-se de insetos, pequenos mamíferos, aves, anfíbios e répteis.
Possui um grande reportório de vocalizações, que de um modo geral fazem lembrar latidos; por vezes podem ouvir-se vários indivíduos a responder uns aos outros nas zonas onde a espécie é mais abundante.

Onde observar: ao longo de estradas, em ruínas, edifícios agrícolas e povoações do concelho de Mértola.

Quando observar: ao longo de todo o ano; pode ser observado a meio do dia, especialmente em dias nublados, mas é mais facilmente detetado ao crepúsculo.

Curiosidades: a designação científica é devida à deusa grega Atenas, a deusa da sabedoria e da guerra (que também é a deusa protetora da capital da Grécia). O mocho é também o símbolo da filosofia e do conhecimento porque consegue rodar a cabeça, o que lhe permite ter uma visão mais abrangente; isto para além de voar de noite, o que era considerado pelos gregos antigos como a melhor altura para a reflexão. A moeda grega de 1 Euro reproduz uma antiga moeda grega do século V a.c. (tetradrachm) e inclui numa das faces a imagem de um Mocho-galego; tente encontrar uma destas moedas, circulam em Portugal com regularidade!

Fotografia Pedro Marques ©

Fotografia Pedro Marques ©

Bufo-real

Nome científico: *Bubo bubo*
Ordem: *Strigiformes*
Família: *Strigidae*

Esta é a maior das rapinas noturnas portuguesas (cerca de 59 – 73 cm, com uma envergadura de asas de cerca de 1,70 m), podendo pesar até cerca de 4 kg. Apresenta uma plumagem acastanhada e acinzentada e possui dois penachos sobre a cabeça, que fazem lembrar duas "orelhas". Os olhos, muito grandes, são laranja-avermelhados. Quando observado um casal, é geralmente notório que a fêmea é maior. Voo poderoso, majestoso e muito estável.
Trata-se de uma espécie residente.
Dá preferência por zonas remotas, especialmente onde existam afloramentos rochosos, como por exemplo em vales fluviais escarpados e em serras e montanhas.
O Bufo-real tem uma longevidade bastante longa que pode alcançar os 10, ou mesmo os 20 anos. A postura é constituída por 2 a 4 ovos. É uma espécie muito sensível à perturbação, de difícil observação. Tem hábitos noturnos e em parte crepusculares.
Alimenta-se essencialmente de mamíferos (ratos, ouriços-cacheiros, coelhos, lebres) e de aves (corvídeos, rapinas diurnas e noturnas, pombos, garças).
O canto é profundo e poderoso, consistindo num "uu-hu" intercalado por pausas de cerca de 8 a 10 segundos, audíveis a distâncias de mais de 1 km; as crias pedem comida com um som raspante, semelhante a aplainar madeira.

Onde observar: vales escarpados do rio Guadiana e seus afluentes (por exemplo na zona do Pulo do Lobo), afloramentos rochosos no concelho de Mértola.

Quando observar: ao longo de todo o ano, durante a noite; no período nupcial (especialmente Dezembro e Janeiro), é mais vocal, podendo ser mais facilmente detetado ao crepúsculo e durante a noite.

Curiosidades: quando se tem a sorte de observar esta espécie exposta durante o dia, é comum ver-se corvídeos e rapinas a atacá-la, o que é explicado pela importante percentagem destas aves na alimentação do Bufo-real. Conta-se que em certos locais do país e, há muitos anos, os ninhos do Bufo-real eram as despensas dos pastores, porque estes recolhiam algumas das presas que eram deixadas para as crias, alimentando-se das mesmas. É considerada por muitos a maior rapina noturna do planeta.

Bufo-pequeno

Nome científico: *Asio otus*
Ordem: *Strigiformes*
Família: *Strigidae*

O Bufo-pequeno é sensivelmente do mesmo tamanho que a Coruja-das-torres (cerca de 31 – 37 cm), mas a sua plumagem é no geral bastante mais escura, em tons acastanhados/arruivados e cinzento, com o peito barrado. Possui tufos sobre a cabeça, que se assemelham a "orelhas". Os olhos são cor-de-laranja. Este conjunto de características permite distingui-lo de outras rapinas noturnas (é muito menor que o Bufo-real).
É também uma espécie residente, embora existam populações invernantes na região.
Tem preferência por florestas e matas (por exemplo montado de sobro e azinho), entre campos de cultivo.
A postura é habitualmente composta por 3 a 5 ovos. Trata-se de uma espécie discreta e difícil de observar. Assume uma postura ereta como forma de evitar ser detetada. As aves invernantes ocorrem por vezes em pequenos bandos em árvores densas, mesmo no interior de povoações.
Alimenta-se de ratos, musaranhos e ocasionalmente de pequenas aves e insetos.
Os adultos são relativamente silenciosos; o canto dos machos, pouco frequente, parece um "bufar", enquanto que as fêmeas emitem um piar fraco, repetitivo e nasalado "peh-ev"; os sons emitidos pelas crias a pedir comida, audíveis a grande distância, são muito característicos, agudos e queixosos, podendo ser descritos como "de partir o coração".

Onde observar: áreas de montado de azinho e campos de cultivo, ou em árvores densas no interior de povoações do concelho de Mértola.

Quando observar: ao longo de todo o ano, durante a noite; tal como já referido, no período do Inverno pode ser observado durante o dia em pequenos bandos em árvores densas, por vezes no interior de povoações.

Curiosidades: o hábito já referido de repousarem em bando durante o Inverno em árvores densas, é relativamente raro no grupo das rapinas noturnas. Tal como a generalidade deste grupo de aves, os Bufo-pequenos não constroem os seus ninhos, ocupando comumente os ninhos construídos por outras espécies de aves, como por exemplo corvídeos e rapinas diurnas.

Fotografia Pedro Marques ©

Noitibó-de-nuca-vermelha

Nome científico: *Caprimulgus ruficollis*
Ordem: *Caprimulgiformes*
Família: *Caprimulgidae*

Esta é uma das mais misteriosas aves da nossa avifauna, sendo incrivelmente mimética quando pousada no solo durante o dia.
O Noitibó-de-nuca-vermelha tem uma dimensão de cerca de 34 cm (do bico até à ponta da cauda) e possui asas e cauda relativamente longas; a plumagem é predominantemente cinzenta-acastanhada com manchas brancas nas asas e na cauda (mais proeminentes nos machos adultos).
É uma ave estival, nidificante tardio, que chega ao território a partir de meados de Abril, permanecendo até Setembro (inverna na África Ocidental).
Ocorre sobretudo em zonas secas com áreas abertas com arbustos e bosquetes (especialmente de Pinheiro-manso, de Azinheira e eucaliptais).
Pode efetuar duas posturas por ano, geralmente compostas por 2 ovos cada. É ativo ao crepúsculo e durante a noite. Tem o hábito de pousar nas estradas durante a noite, o que origina uma enorme mortalidade da espécie por atropelamento.
Alimenta-se de insetos, que caça em voo e que engole vivos.
O canto é muito característico e monótono, consistindo num matraqueado mecânico "kyo-toc-kyotoc-kyotoc", cuja intensidade vai mudando de volume; durante a parada nupcial, bate as asas produzindo um som igualmente característico.

Onde observar: em estradas de terra batida, junto a áreas florestadas com zonas abertas.

Quando observar: entre meados de Abril e Setembro, ao crepúsculo ou durante noite.

Curiosidades: a designação portuguesa "noitibó" vem de "noite" e "bó" é uma interjeição que significa espanto, admiração. A designação científica "*Caprimulgus*" pode ser decomposta em "capra" (cabra) e "mulgus" (mungir ou ordenhar) e tem a sua origem no facto de Plínio o Velho (23/24 – 79 d.c.) ter referido que estas aves pousavam nos currais das cabras e sugavam o leite das suas tetas, provocando a cegueira e a morte dos animais domésticos. A designação científica da espécie "*ruficollis*" deve-se ao colar ruivo, que pode ser observado quando se encontra a curta distância uma ave pousada. Os noitibós possuem uma unha fendida como um pente, cuja função se pensa permitir "pentear" os "bigodes" que possuem à volta do bico e que são de grande importância porque criam um efeito de "funil", encaminhando os insetos que caçam em voo para o interior do bico aberto.

Fotografia Pedro Marques ©

OUTRAS AVES DE HÁBITOS CREPUSCULARES

Alcaravão (*Burhinus oedicnemus*) | Fotografia Pedro Marques ©

Ocorrem neste território outras espécies de aves, não pertencentes aos dois grupos anteriormente referidos, que se podem detetar ao crepúsculo ou mesmo durante a noite; exemplos disso são o Grou (*Grus grus*), quando se desloca em voo no final do dia em bandos dos locais de alimentação para os locais de repouso, sendo então normalmente audíveis as suas vocalizações trinadas características de longo alcance; o Alcaravão (*Burhinus oedicnemus*), espécie que é muito ativa ao crepúsculo e mesmo nas primeiras horas da noite quando, especialmente no período reprodutor, entre Março e Maio, se ouvem as suas vocalizações melancólicas e dissilábicas; o Andorinhão-pálido (*Apus pallidus*), que nidifica colonialmente em Mértola e que é especialmente ativo durante as duas últimas horas do dia, voando sobre a vila com os seus chamamentos estridentes dissilábicos; ou o Rouxinol (*Luscinia megarhynchos*), conhecido pelo seu espetacular canto que é também emitido durante a noite e que pode ser ouvido entre finais de Março e meados de Junho, por exemplo junto ao rio Guadiana, a partir de Mértola.

Sabia que ...

As aves de rapina noturnas são importantes para o equilíbrio dos ecossistemas pela sua posição na cadeia alimentar: enquanto predadores, contribuem para a sustentabilidade das comunidades através do controlo das suas presas. Por outro lado, algumas espécies assumem uma importância direta para o Homem, dado atuarem diretamente nos ecossistemas agrícolas. Por exemplo, a Coruja-das-torres e o Mocho-galego são utilizados como auxiliares em práticas de agricultura biológica para controlo natural de pragas de roedores e insetos. Adicionalmente, as rapinas noturnas são espécies sensíveis à contaminação ambiental (por bioacumulação) e, desta forma, podem ser utilizadas como sentinelas e bioindicadores dos níveis de poluentes nos ecossistemas.

Os noitibós são também muito importantes para o equilíbrio biológico, por se alimentarem de insetos.

Coruja-das-torres (*Tyto alba*) | Fotografia Pedro Marques ©

Azinheira, Monte Barbeiro, Arvore do ano 2019| Miguel Claro ©

Parque Natural do Vale do Guadiana

Na natureza, quando a noite cai … outra vida começa!

Cristina Caro (PNVG - ICNF)

Estamos no Parque Natural do Vale do Guadiana, refúgio de biodiversidade única no sul de Portugal. Aqui, além das aves noturnas e de hábitos crepusculares, há toda uma outra vida que recomeça a cada dia que cai e a cada noite que se levanta. Uma azáfama feita de sons, vocalizações, movimentos e odores que, ocorre tantas vezes à margem dos nossos sentidos.

Os animais precisam de comunicar para transmitir todo o tipo de informação, desde impressionar um potencial parceiro até alertar os outros sobre um perigo iminente. Na ausência de luz do período noturno impôs-se a evolução da comunicação acústica, mas não só.

De hábitos discretos ou furtivos os animais crepusculares ou noturnos são de difícil visualização. O registo e a interpretação dos sons da noite são a melhor solução para monitorizar estas espécies ou simplesmente para desfrutar do encanto da noite.

Para além das aves, os mamíferos recorrem igualmente a vocalizações mas também libertam substâncias químicas como forma de comunicação. E o que comunicam? Se são macho ou fêmea, de onde vieram e onde estiveram, se são saudáveis ou ansiosos, se estão prontos para se reproduzirem ou que é melhor não se arriscarem no seu território.
Ansiosos são os miados ou berros do lince-ibérico no início da época de acasalamento, que contrastam com os assobios quase inaudíveis das lontras que brincam no rio Guadiana, sobranceiro à vila de Mértola.

O caso dos morcegos é ainda mais flagrante. Os morcegos comunicam através de ondas ultrassónicas (o seu radar) com frequências muito altas e inaudíveis ao ouvido humano. Só a reprodução em áudio a uma velocidade 10 vezes menor do registo se revela o quão barulhento é este animal. O som que reproduzem pode, em algumas espécies, ser semelhante a um matraquear de um martelo pneumático. Neste caso, ainda bem que não temos capacidades auditivas de super-herói.

São os insetos porém que dominam a arte da comunicação noturna. Por exemplo, os grilos machos possuem uma série de "pelos" nas bandas das suas asas, que ao roçarem uma na outra produzem o "cricrilar" que nos acompanha numa noite quente de verão.
Em contraste, são já poucas as noites do início de verão em que podemos observar luzinhas a tremelicar nos campos mergulhados na escuridão. Espécies cada vez mais raras, os pirilampos, emitem uma luz bioluminescente para comunicar. Serve de defesa em relação a predadores e está normalmente associada a rituais de acasalamento. Os pirilampos estão a desaparecer devido à perda de habitat, à luz artificial, como será facilmente de compreender, e à utilização de pesticidas.

Poucas pessoas conhecem a verdadeira diversidade de borboletas noturnas. Em Portugal existem 137 espécies de borboletas diurnas e mais de 2500 borboletas noturnas. E acredita-se que o seu universo não é de todo conhecido. Neste caso, a comunicação não é percetível aos seres humanos uma vez que se passa ao nível químico: as feromonas. No caso do grande-pavão-noturno (Saturnia pavónia), com dimensões que variam entre os 12 a 16 cm, os machos são atraídos pelas feromonas emitidas pelas fêmeas. A conservação deste grupo está intrinsecamente ligada com a manutenção da diversidade da paisagem e das espécies vegetais, uma vez que a viabilidade das populações passa pela disponibilidade de alimento para as lagartas, a qual se verá reduzida se a espécie depender apenas de uma planta.

Grande-pavão-noturno (*Saturnia pavónia*) | Albano Soares ©

Concluindo, esta nota pretende ser apenas um pequeno vislumbre do que se passa em nosso redor. Será um clichê dizer que a noite no Parque Natural do Vale do Guadiana é na verdade uma sinfonia de perceções, onde os sons, as luzinhas e os cheiros são as notas vibrantes desse coro? Quando a noite cai, acontece uma outra vida que passa incógnita aos seres humanos, por nossa incapacidade física ou por simples desconhecimento.

Via láctea sobre a pseudo-estepe do Parque Natural do Vale do Guadiana , Miguel Claro ©

Venha descobrir a natureza à noite!

Descobrir a natureza à noite é uma experiência única e um desafio aos sentidos. Propomos 3 itinerários para ousar olhar diferente, escutar no silêncio e deliciar os sentidos com a envolvência misteriosa da noite. Observar aves à noite é difícil, as aves são esquivas, aprimoradas na arte da camuflagem, por isso, nem sempre é garantido o avistamento ou a audição das suas vocalizações. Mas a noite pode sempre revelar outros personagens, sons e paisagens de terra e céu, verdadeiramente arrebatadoras.

Por Mértola e Além Rio

Um percurso pelo centro histórico de Mértola e arrabaldes para fazer em silêncio, noite alta, calcorreando um lugar de história com segredos para descobrir!

Informações gerais

Percurso linear para fazer a pé
Igreja Matriz – Azenhas de Mértola – Além Rio
Distância ???
Percurso em calçada e estrada de asfalto. Piso de terra batida na zona das Azenhas de Mértola. Com oscilações de relevo. Fácil e ajustado a todas as idades. Na zona do centro histórico a calçada é irregular o que pode dificultar a mobilidade.
Este itinerário pode realizar-se durante todo o ano.
Recomendações: Na zona das Azenhas não se aproxime da água. Zona de correntes. Leve uma lanterna. Recomendamos que realize este percurso com um guia local.

Azenhas de Mértola | Fotografia Miguel Claro ©

Inicie o percurso junto à Igreja Matriz, antiga Mesquita, no centro histórico de Mértola; aqui, tente ouvir e ver a Coruja-das-torres; esta espécie nidifica na vila e é, por vezes, vista a caçar, durante a noite; a iluminação da vila ajuda à deteção desta espécie em voo, muitas vezes na zona do castelo. Siga pela rua da Igreja e ao chegar a um pequeno largo prossiga pela direita para a rua Elias Garcia. À sua direita, na pequena ravina corre a ribeira de Oeiras. Esteja atento aos sons da noite, é bem possível que consiga ouvir o coaxar das rãs e dos sapos. Continue a descida pela Elias Garcia e chegados ao largo da Misericórdia tem duas opções: pode continuar a descer pela Porta da Ribeira e fazer o percurso pela zona ribeirinha junto ao rio; subir a rua Dr. Afonso Costa até à rotunda de entrada na ponte do Guadiana ou continuar a ladear a muralha e seguir pela Rua dos Combatentes da Grande Guerra até à Praça Luís de Camões; prosseguir, passando pela Torre do Relógio; e subir a Rua Prof. Batista de Graça até ao café Guadiana. Se forem horas disso, pode fazer uma paragem para beber uma bebida quente ou fria, consoante a época do ano. Prossiga o passeio e continue pela rua Dr. Serrão Martins e depois rua Dr. Afonso Costa, até à rotunda de entrada na ponte do Guadiana. Prossiga pela rua que desce até à zona das Azenhas; e aqui, tente escutar o canto do Bufo-real (especialmente no Inverno). Fique um pouco e desfrute do som tranquilizante das águas que descem o Guadiana.

Volte atrás e, na rotunda, prossiga para a ponte; atravesse e aprecie a maravilhosa vista de Mértola à noite. No final da ponte, vire à direita e siga em direção a Além-rio; ao longo desta estrada tem razoáveis hipóteses de ouvir o Mocho-pequeno-d'orelhas (entre finais de Março e Setembro) e especialmente o Mocho-galego. É também muito provável que ouça o melodioso canto do Rouxinol (entre finais de Março e meados de Junho) vindo da vegetação ribeirinha onde se refugia. Prossiga até ao miradouro, sente-se e deixe-se ficar mais um pouco só a contemplar Mértola.

Sugestão:
O percurso atravessa o centro histórico de Mértola e passa por vários núcleos museológicos. Contacte um guia local para saber mais sobre o património e as civilizações que deixaram marca, ao longo dos séculos, na vila de Mértola. www.visitmertola.pt

Na Mina, o canto do noitibó

Um percurso pelos caminhos da velha mina, para ouvir o canto trauteado do noitibó e olhar o céu profundo na mina.

Informações gerais
Percurso linear para fazer a pé
Mina de S. Domingos – Achada do Gamo

Distância aproximadamente 5kms
Percurso em terra batida, fácil e ajustado a todas as idades. O percurso é coincidente com o traçado de várias rotas temáticas, está por isso devidamente sinalizado, com sinalética direcional, turística e de segurança.
Itinerário a efetuar preferencialmente entre meados de abril e setembro.
Recomendações: O itinerário decorre numa antiga zona industrial, recomenda-se o recurso a um guia local. Se fizer o percurso sozinho leve uma lanterna, mantenha-se no percurso sinalizado e respeita a sinalética de segurança.

Inicie o itinerário junto ao denominado "Jardim dos Ingleses" em frente ao hotel, na Mina de São Domingos. Siga as indicações "Ruínas Minas", descendo em direção às ruínas e virando à direita, de forma a seguir a estada de terra batida que no início tem as ruínas da mina do seu lado esquerdo; pare e escute: entre meados de abril e setembro tem boas possibilidades de ouvir o Noitibó-de-nuca-vermelha, sendo perfeitamente possível que estejam indivíduos desta espécie pousados na estrada à sua frente; esta ave por vezes deixa-se observar em voo ao crepúsculo, sendo características as longas asas e a cauda.

Prossiga por esta estrada de terra batida por cerca de 2.5 km, até à Achada do Gamo. No percurso é possível detetar, sobretudo, pelas vocalizações, qualquer uma das rapinas noturnas que ocorrem no território. O percurso é feito pelos caminhos da antiga mina de S. Domingos desativada em 1966, depois de mais de 100 anos (1854-1966) de exploração ativa que extraiu dos jazigos da Mina de S. Domingos mais de 20 milhões de toneladas de minério (cobre, zinco, chumbo e enxofre). Hoje resiste a memórias das antigas estruturas da mina, no caminho irá cruzar-se com as Oficinas, os vestígios da antiga linha férrea que ligava a aldeia da Mina de S. Domingos ao porto fluvial do Pomarão, a Estação de Britagem da Moitinha e a Achada do Gamo, local das antigas fábricas de enxofre.

Chegados à Achada do Gamo, recomendamos que se delicie com o silêncio. A paisagem é quase lunar. Aqui o céu e a terra unem-se de uma forma sublime. O céu aqui é mais profundo e a pouca poluição luminosa permite vislumbrar estrelas, planetas, constelações e a majestosa via láctea. O percurso termina neste ponto e o regresso faz-se pelo mesmo caminho.

Sugestão:
Contacte um guia local e conheça, ao longo do percurso, a história e estórias da Mina de S. Domingos. Pode ainda agendar uma sessão de observação de céu, de fotografiagrafia noturna ou de astrofotografiagrafia. Saiba mais em www.visitmertola.pt

Os sons da noite

Um passeio para fazer a pé, em silêncio, só para ouvir os sons da noite.
Pedro Bravo

Informações gerais
Percurso linear
itinerário Corte da Velha-S. Barão
Distância 4kms
Recomendações: Leve uma lanterna, um agasalho e calçado confortável.

Via láctea no Complexo Mineiro da Mina de S. Domingos | Fotografia Miguel Claro ©

Ermida de S. Barão | Fotografia Miguel Claro ©

É pelo tempo quente que a noite mais na chama, mas em qualquer época lhe ouvimos o apelo.
Partimos um quarto de hora antes do ocaso, para termos tempo de ver ao longe, e também viver a luz particular das despedidas do dia.
Deixando a aldeia da Corte da Velha em direcção ao poente, ainda temos tempo de acompanhar os últimos hortejos e de ver desenhar-se à nossa direita um amplo vale e a imponente Serra de Alcaria Ruiva, são horas de ouvir a codorniz ou o alcaravão, já perto do crepúsculo.
Chegamos ao anoitecer à Portela da Cruz, onde se risca o limite das freguesias de Mértola e Alcaria Ruiva, é hora dos ralos e dos grilos, do aconchegar de charnecos e do perdigão, entre estevas e searas.
Nesta confluência, viramos à esquerda para entrar no pinhal do Vale do Homem que percorremos subindo e descendo outeiros, no território dos noitibós
Com o escurecer, os sentidos ficam mais despertos, o ouvido mais capaz de descortinar sons longínquos, como o costurar de um noitibó, ou um rouxinol em Maio, no fresco da ribeira. E a resina das estevas ou o secar dos pastos, entram por nós dentro através do olfacto. Passando à beira de um charco, as rãs não nos deixarão ouvir mais nada e ao afastar-nos regressa o silêncio a preencher-nos, enquanto ouvimos os nossos próprios passos e respirações.

Antes de virarmos à esquerda para o caminho que conduz à Serra de São Barão, ainda nos assomamos ao Cerro Gordo para sentir o vale da Ribeira de Alvacar em cujos penedos, sendo Inverno ou promessa de Primavera, se ouve o ujo, assim fala o bufo-real. E, se nos sair a sorte grande e a soubermos merecer pelo silêncio, até podemos ouvir o lamuriar de uma raposa ou o miar de um lince.
Por este bom caminho da noite, chegamos perto de um apiário, ouviremos a zunida das obreiras vigilantes e, em tempo disso, cheiramos o quente mel que elas guardam nas colmeias.
Descendo a encosta de regresso à Corte da Velha, provavelmente seremos recebidos pelo piar atento de um mocho galego que nos dará as boas vindas.
Se não quisermos a sorte de ouvir a natureza todo o tempo, a noite também convida a ouvir uma história enquanto se caminha e como nem tudo é audição, há nas noites de breu o firmamento para ver, constelações sobre que especular, um céu que por aqui é uma coisa do outro mundo.

Sugestão:
Leve uma mantinha e no cume da serra de S. Barão, estenda-a no chão e fique só, assim em silêncio, a observar o céu.

O VOO DO GROU

Ao crepúsculo, de regresso às zonas de dormitório, os grous voam em bandos num espetáculo visual e sonoro impressionante.

Informações gerais
Percurso linear para fazer de carro
Percurso em estrada de asfalto até à Corte Pequena e depois em estrada de terra batida até à Ermida de
Nossa Senhora de Aracelis.
Itinerário a efetuar preferencialmente entre novembro e fevereiro.
Recomendações: Levar binóculos.

Grou (*Grus grus*). Fotografia Daniel Pinheiro

Os bandos de grous em voo para o seu dormitório, ao final do dia, são um dos espetáculos mais extraordinários que é possível observar no Alentejo durante o Inverno. O grou é uma espécie invernante, que pode ser observada principalmente entre novembro e fevereiro. Migra do norte da Europa (tundra ártica e as zonas estepárias do Paleártico Ocidental) para a Península Ibérica para fugir aos rigorosos invernos, na procura de alimento. É uma espécie muito gregária, junta-se em bandos para se alimentar e também para dormir. Utilizam dormitórios comunitários, para segurança do grupo, localizados nas margens de superfícies de água, como albufeiras, cursos de água e depressões alagadas, onde a existência de água e boa visibilidade são essenciais. Ao nascer do dia dispersam pelos campos de alimentação para regressarem, novamente, ao crepúsculo, ao dormitório.

O itinerário proposto leva-nos à elevação onde se implanta a pequena ermida de Nossa Senhora de Aracelis, um local prazeroso, com uma ampla vista sobre planícies, montado e a serra de Alcaria Ruiva. Durante o dia, a partir deste ponto é possível observar várias espécies estepárias e de montado (abetarda, águia-imperial-ibérica, peneireiro-cinzento, sisão, cortiçol-de-barriga-preta, grou, entre outras). Ao cair da noite o local é perfeito para assistir ao voo de regresso dos grous às barragens da Herdade dos Lagos que ficam na proximidade. Para lá chegar, deve sair de Mértola pela EN122 em direção a Beja, virar à esquerda no cruzamento para Castro Verde e prosseguir pela EN123 em direção a Castro Verde, passar a localidade de Alcaria Ruiva à direita, seguir em frente e virar à direita no cruzamento para a aldeia da Corte Pequena. Antes de chegar á aldeia, encontra uma placa à esquerda a indicar a Ermida de Nª Srª de Aracelis, vire e siga por uma estrada de terra batida até chegar ao local. Aí chegados, desfrute da vista sobre as terras do Campo Branco e espere o anoitecer, os grous estão quase a chegar.

Sugestão:
Assim que o Grou adormecer, sugerimos uma incursão gastronómica noite dentro. Agende uma prova de vinhos e produtos locais. Temos 6 excelentes produtores de vinho e uma multiplicidade de produtos genuínos de sabor único: queijos, enchidos, pão e muito mais. Saiba mais em www.visitmertola.pt

Arco da Via Láctea acima dos Canais do Guadiana. | Fotografia Miguel Claro ©

MÉRTOLA DARKSKY ®

O Dark Sky® Alqueva é um território que cobre uma extensa área, de cerca de 9.700km2, em torno do grande Lago Alqueva e que se estende pelos concelhos portugueses de Alandroal, Barrancos, Évora, Mértola, Moura, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz e Serpa. Inclui ainda os municípios espanhóis de Alconchel, Cheles, Fregenal de la Sierra, Zahínos, Olivenza, Táliga, Higuera, Oliva de la Frontera, Higuera la Real, Jerez de los Caballeros e Valle de Matoros.

Devido à qualidade do céu noturno este território é certificado como Starlight Tourism Destination e foi o primeiro no mundo a obter esta certificação.

CRITÉRIOS MÍNIMOS PARA CERTIFICAÇÃO

Ausência de nuvens > 50% com noites sem nuvens
A Reserva Dark Sky®Alqueva apresenta uma média de 286 noites limpas, ou seja, sem a presença de nuvens.
Escuridão > 21mag/arcsec2
A Reserva Dark Sky Alqueva regista nalguns locais medições de 21,60 mag/arcsec2.

Mértola na Reserva Dark Sky® Alqueva

O território de Mértola integra a área certificada da Reserva Dark Sky® Alqueva desde 2018. Com uma extensão de 1.279km2 e uma densidade populacional de 5 hab/km2, Mértola apresenta níveis de poluição luminosa muito baixos. Aqui, os visitantes podem desfrutar de oportunidades únicas e inigualáveis para ver o céu noturno e desfrutarem das estrelas durante a maior parte do ano, já que Mértola apresenta uma média de 286 noites limpas sem a presença de nuvens.

Se faz parte da grande maioria de pessoas que nunca teve a oportunidade de admirar o centro da Via Láctea, a Ursa Maior e a Ursa Menor, venha até Mértola, espere o anoitecer, olhe para o céu e perca-se na imensidão deste vasto céu profundo!

O que pode fazer em Mértola Darksky ®?

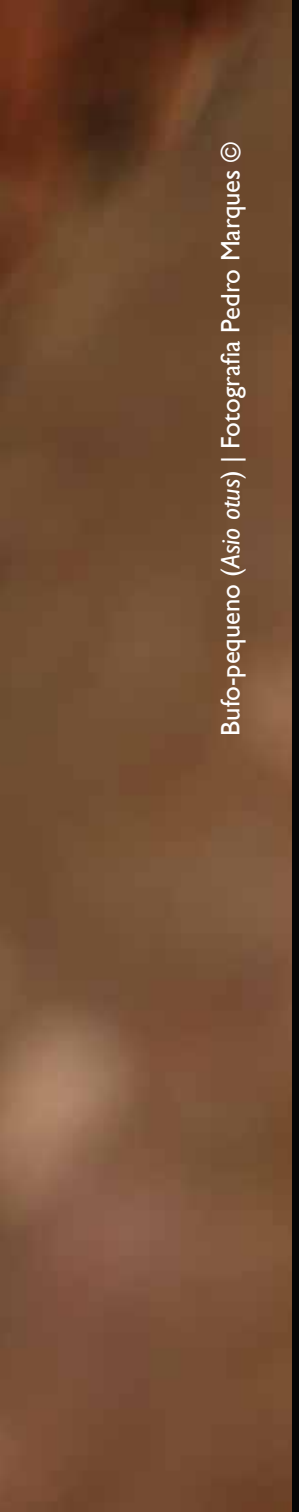
- Mértola Stargazing
- Caminhadas ao Luar
- Descidas de rio à noite
- Workshops de gastronomia
- Fotografia Noturna
- Astrofotografia
- Astronomia
- À Noite no Museu
- Enoturismo
- Observação de céu.

Mértola Birdwatching

Mértola é um local de excelência para o birwatching. Apresenta uma diversidade de habitats que incluem as áreas rupícolas dos vales escarpados do Guadiana onde ocorrem espécies como a águia-real, a cegonha-preta ou o bufo-real; áreas de matos rasteiros onde proliferam várias espécies de toutinegras e outros passeriformes; áreas ripícolas de rouxinóis, chapins e guarda-rios e áreas de planície e pseudoestepe que se estendem a Castro Verde, coração do Campo Branco, onde reinam as abetardas, os sisões, os cortiçóis-de-barriga-preta, as águias-imperiais, os rolieiros, os milhafres e os peneireiros. Mértola fica ainda a cerca de 1h30 da ria Formosa no Algarve, a maior zona húmida do sul de Portugal, que concentra milhares de aves aquáticas e a 2h30 dos estuários do Sado e Tejo na zona da grande Lisboa. Mértola acolhe, ainda, no seu centro histórico, a última colónia urbana de peneireiro-das-torres em Portugal.

Saiba mais sobre Mertola Darksky e Mértola Birdwatching em www.visitmertola.pt

Peneireiro-das-torres (*Falco naumanni*) | Fotografia Pedro Marques ©



Bufo-pequeno (*Asio otus*) | Fotografia Pedro Marques ©

Porque à noite o perigo espreita, recomenda-se ...

Descobrir o território à noite pode ser uma experiência fascinante, mas tem os seus perigos. Se não conhece os lugares, por favor contacte um guia local e não se aventure sozinho na natureza. Se optar por fazer os itinerários sózinho, leve lanterna, um telemóvel e avise alguém do seu percurso.

Use roupa confortável e ajustada à época do ano. Em caminhadas à noite deverá utilizar roupa e material refletor nos braços e pernas.

O campo é um lugar tranquilo e pacífico, contudo, à noite tenha particular atenção a encontros com espécies de comportamento mais agressivo como javali (principalmente se tiverem crias) ou veados na época de acasalamento (brama). Atenção também a lacraus (*Buthus occitanus*) - vulgo escorpiões, que durante o dia se escondem debaixo de pedras, troncos ou em buracos escavados no solo, mas ao crepúsculo e noite saem para caçar insetos e aranhas. Use repelente para evitar picadas de mosquitos.

Está numa zona de Parque Natural. Respeite sempre os valores naturais e culturais: não perturbe a fauna nem danifique a flora, não colha plantas, líquenes, cogumelos, rochas e minerais. Não faça barulho, pare e escute, desfrute dos sons da natureza. Não deixe qualquer tipo de lixo ou vestígios da sua passagem, nem mesmo orgânicos (cascas de fruta, sementes, etc), leve-os consigo até ao contentor mais próximo. Ajude-nos: agradecemos se recolher algum lixo que veja no caminho deixando a área mais limpa do que a encontrou.

Respeite a propriedade privada. Se necessitar abrir uma cancela ou portão, deixe-os sempre fechados após a sua passagem. Não colha frutos ou outros produtos de propriedades privadas.

É também fundamental ter paciência, as espécies acima mencionadas são (devido aos seus hábitos esquivos) de um modo geral difíceis de detetar. Ao conduzir à noite nas estradas do concelho, por favor tenha o maior cuidado para não atropelar qualquer destas aves (tal como referido, por exemplo os noitibós têm o hábito de pousar no asfalto). É crucial que nestas experiências de deteção e observação de aves noturnas tudo se faça para garantir que as mesmas não são perturbadas, especialmente no período reprodutor.

TURISMO DE MÉRTOLA | CONTACTOS
Toda a informação sobre oferta turística, guias locais, empresas de animação, restaurantes e alojamento em www.visitmertola.pt

Posto de Informação Turística
Rua da Igreja, Mértola
tel. (+ 351) 286 610 109
e-mail. turismo@cm-mertola.pt

RESERVA DARK SKY® ALQUEVA
Rua da Nossa Sra. da Conceição, Cumeada,
Reguengos de Monsaraz, Évora
PORTUGAL
Telefone: (+351) 91 310 35 40
Email: info@darkskalqueva.com

MÉRTOLA
CÂMARA MUNICIPAL